



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

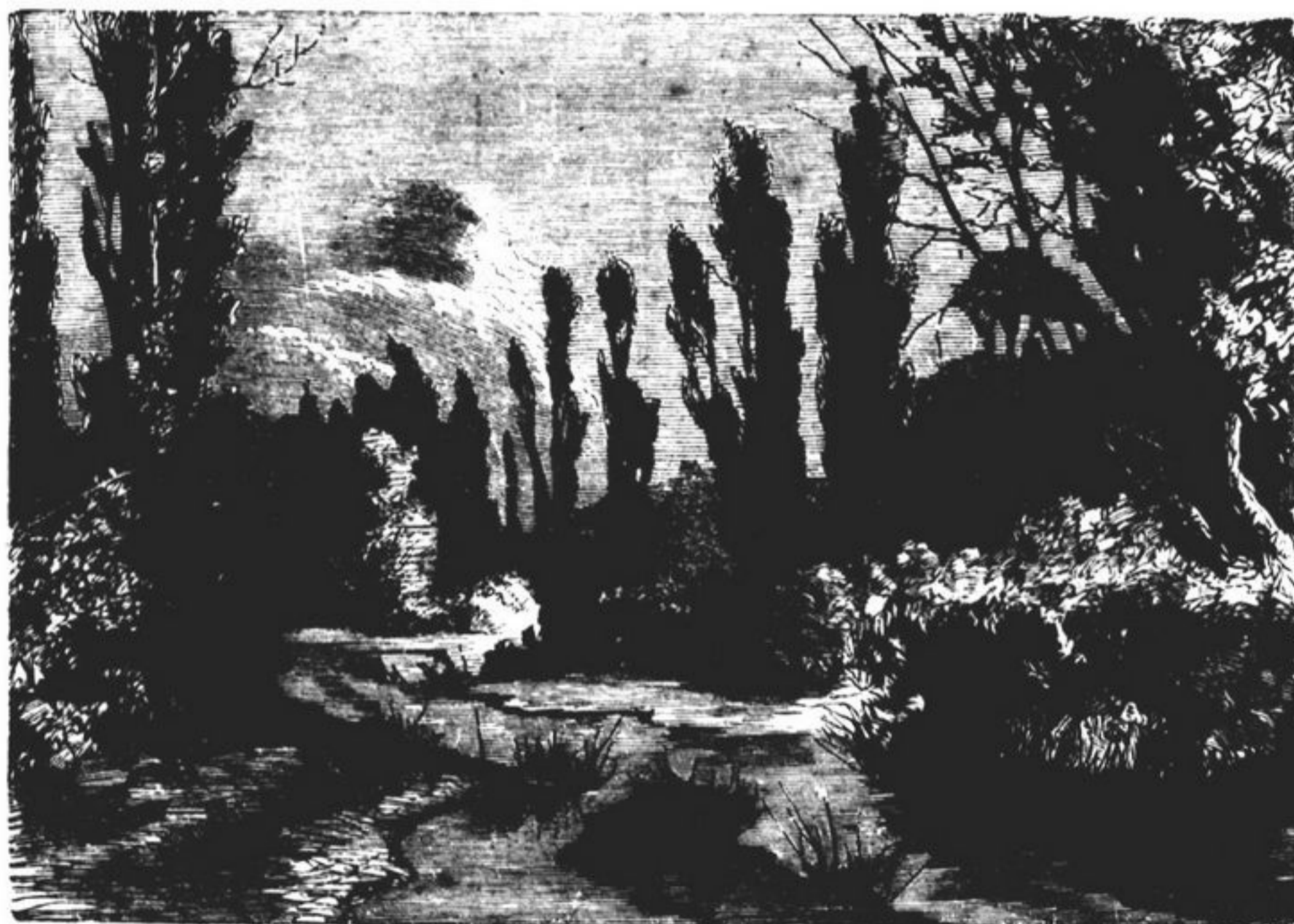
COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

### SUMMARIO

TEXTO: *Chronica*, por Azulay.—*A Pesca da sardinha*, (continuação), por Pinheiro Chagas.—*Historia de quinze annos*, (continuação), por Alberto Telles.—*O preço das cerejas*, conto, trad. de D. Guiomar

Torrezão.—*Palestras theatraes*, por Alfredo Oscar May.—*Perfis*, versos por Luiz da Silva.—*As nossas gravuras*;—*Em familia (passatempos)*—*Um conselho por semana*;—*A rir*;—*O juiz*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS: Mondego.—*Estatua equestre de D. José I.*—Paulo de Kock.—*Morte de Genucio (Episodio da Historia da Roma)*.—*Cenebra*.



MONDEGO

## CHRONICA

Cabe o logar de honra nos dominios da chronica á esplendida kermesse dos jardins do sr. conde de Barnay. Toda a Lisboa elegante se deu *rendez-vous* na tarde da abertura, n'aquelle oasis, onde uma gentil princeza fazia magnificamente o seu apprendizado de rainha.

E todos os que não teem a honra de ser das relações do opulento banqueiro, admiravam pela primeira vez a exuberancia de uma vegetação quasi tropical, devida á excellencia do nosso clima e ao excessivo cuidado de jardinagem.

A barraca da princeza, era tudo quanto ha de mais gracioso e mais fino em ornamentação, vastas colchas bordadas, caindo em apanhados, de uma ondulante simplicidade artistica. Ao balcão, forrado de velludo carmezim, as gentilissimas senhoras que auxiliavam na venda de flores a duqueza de Bragança, destacando se d'entre ellas, o perfil aristocratico da promotora da festa.

A pouca distancia do pavilhão das flores, erguia-se uma vasta barraca, onde formosissimas senhoras vendiam sortes. Entre os compradores, o mais ecerrimo, era o principe real.

Ao lado esquerdo do palacio e fazendo *pendant* com o pavilhão das flores, desdobrava-se um gracioso bufete ao ar livre, sob a sombra protectora das arvores, essas magestosas amigas do homem sobre a terra. E como nas florestas druidicas, ellas protegiam a religião, hoje com o mesmo murmuro discreto dos seus frondosos ramos, abrigam a caridade—a religião por excellencia—religião publica.

A caridade do presente seculo é enorme, como grandes são tambem os meios de que dispomos para conhecer a vastidão infinita do soffrer humano.

O diadema hoje mais constellado de joias, que póde coroar a fronte de uma rainha ou de uma princeza de sangue, é sem daviada a caridade. Não se pergunta já, se traz no seu contracto nupcial, as alianças poderosas das grandes casas reaes europeas; não se quer saber, mesmo, n'este periodo de effervescencia e de nevrose, em que a belleza plastica tem decaido, e o estudo excessivo fatiga precocemente a phisionomia, se ella é bella physicamente, d'essa belleza tranquilla que ás rainhas antigas dava a sua existencia singella e garantida dos cuidados e da terrivel anciedade do futuro: não, não se quer saber nada d'isso; mas, nos espantosos contrastes da miseria e da opulencia sociaes, pergunta-se com sofreguidão ás princezas e ás rainhas, se ellas sabem exercer a caridade, fundar asylos, hospitaes, creches, escolas, derramar o ouro ás mãos cheias pelos desgraçados, mover os grandes da terra a descerem dos seus pedestaes de orgulho, lembrando-lhes que elles são pó, e que esta syllaba eloquente e sonora como uma martelada de bronze, forma a radical da palavra povo, d'onde elles saíram e para onde os seus descendentes hão de tornar.

Ora, tratando-se de um povo impressionavel como o nosso, não admira pois o exito da primeira festa popular, em que elle ia estar em contacto directo com aquella que hade um dia sentar-se no throno de Portugal ao lado do futuro D. Carlos I.

Na kermesse da Junqueira, notou-se que as flores occupavam o primeiro logar. O mesmo fact se repete em todas as festas em que, aliás, a attenção publica podia ser solicitada por outro genero de exposição. Esta

revelação é sufficiente para mostrar quanto em Portugal se gosta de flores.

Em todas as classes, as flores teem um culto. Nas alegres romarias populares, as flores apparecem nos chapéos dos homens, bordam os seus fatos domingueiros e somem-se por entre o desalinho dos cabellos das mulheres, enchendo tudo com o seu perfume penetrante, e espalhando a alegria das suas côres vivas.

O popular de hoje, adorando o campo, o ar, a luz, como o romano e como o arabe, chega como elles, tambem, a enfeitar de flores tudo o que o cerca, desde a habitação, até aos animaes domesticos.

Sirva isto de consolação aos pessimistas e aos tristes, que julgam todo o mundo ajoelhado ante o *Dio del cro*.

Os adoradores do *bezerro d'ouro*! Mas quem sabe? Talvez os azedos tenham razão, diante do espectáculo assombroso que se passa no parlamento, aos nossos olhos.

O amor acrisolado do bem publico, tão antigo no coração dos patriotas popularmente eleitos, levou-os a trabalhar dia e noite com um ardor apaixonado, que poderia ser traduzido em musica e tocado ao piano, tão sentimental e commovente elle apparece, n'estes tempos de frio scepticismo.

Houve, é verdade, uma opposição temeraria, que declarou rudemente ser mais hygienico fazer o chylo na Avenida, depois do jantar; mas viu-se então, de quanto valia ainda em peitos lusitanos o *desinteresse*, levado até ao sacrificio no rigoroso cumprimento dos mais alevantados deveres civicos — e os integerrimos deputados, resolveram, em maioria, fazer o chylo no parlamento.

N'este momento solenne em que tão commovedora resolução, como a nova politica mais palpitante da actualidade portugueza, corre por montes e valles, e faz a sua apparição nas gazetas sertanejas, paira já sobre as calvas respeitaveis dos eleitos do povo a aureola da immortalidade... nacional.

E ainda não é tudo. Nos kalendarios civicos do futuro, os nossos descendentes lerão, com fremitos de orgulho, embaciando os monoculos de lagrimas, esta legenda sensibilisadora: « O sr. F.—deputado na força do verã (anno de 1888 e na força das sessões nocturnas, fez o chylo na camara, em vez de o fazer na Avenida; e contribuiu com o seu voto para a sua propria nomeação de inspector dos tabacos.»

Como somos ingratos! Os illustres legisladores podiam, se em seus peitos não vibrasse a corda sensivel dos melhoramentos das classes laboriosas, do derramamento da instrucção publica, do extirpamento do cancro fazendario, abandonar as seroadas d'aquelle atelier de esculptor, pintado de branco e azul, a que chamam camara dos deputados, e que ainda se conserva provisoriamente como o fez o conselheiro Possidonio, por ordem de D. Pedro IV; podiam, diziamos, abandonar á tranquilla laboriosidade das aranhas e ás correrias dos roedores, aquella extraordinaria sala, cujo estylo é um problema na ordem architectonica, e partir para Cintra, como toda a gente, fugindo d'esta fornalha pouco aromatica, a que os guias nacionaes teimam em chamar—a bella cidade de Lisboa; e os poetas romanticos —jardim á beira mar... etc.

Mas que diria a posteridade? Que diria o terrivel futuro, se os austeros representantes do povo desenrolassem o guarda-pó em vez da bandeira da patria?

E que diria o tabaco do anno 3:000?

Commovidos, pois, agradavelmente commovidos, ante tanta grandeza d'alma e elevação de character, como está patenteando a camara dos deputados, pomos de

parte os nossos respeitáveis cumprimentos, em attenção á estação, e apresentamos-lhes as nossas ventarolas.

E não lhes enviamos uma gottinha d'agua, porque, Deus do céo! é cousa rara em Lisboa, como o gelo, de que se não encontra á venda uma pedrinha, em dando duas horas da tarde.

Vae uma guerra feroz entre montechios e capuletos, por causa de contadores e de avenças.

—A agua vae ficar mais cara! dizem tristemente os que costumavam vendel-a por Falerno de Torres, com uma simples coloração de campeche.

E' pena, realmente...

O que é realmente pena, é ver estiolarem-se do se-de as pobres floritas que pendem das hastes nos balcões das pallidas Julietas da Baixa.

E' diante do aspecto desolador d'essa vegetação que se debruça melancolicamente de todas as janelas da cidade, como o symbolo perfeito da alma nacional no momento presente, que medimos com horror o negro procedimento do sr. dr. Pinto Coelho, sujeito que, pelos seus appellidos, devia ter em mais alta consideração a verdadeira hortaliça... que se ostenta triumphante, com grande pasmo dos estrangeiros, sobre as sacadas dos predios, a attestar o nosso *bom gosto* artistico e os nossos *conhecimentos* elementares de botânica.

AZULAY.

## A pesca da sardinha

II

Vamos pois contar aos nossos leitores a lenda, que, segundo a phrase que já notámos do sr. George Pouchet, se liga com a fundação das fabricas de conserva de sardinha em Portugal. Sabiamos, porque Tito Livio o diz, que rodeiam sempre as lendas o berço dos grandes povos, mas não imaginavamos que succedesse o mesmo com a conserva das sardinhas. Assim, é porém, como os nossos leitores vão ver.

Como os leitores já sabem pelo que lhes dissemos no artigo antecedente, em França pesca-se a sardinha principalmente na costa da Bretanha. Ora os pescadores bretões são conhecidos pela sua intrepidez notavel, mas entre elles os mais intrepidos são os pescadores da ilha de Groix, os *grésillans*, como lá lhes chamam. E não são só intrepidos, são activos, engenhosos, occupam-se de tudo o que lhes pode render dinheiro, e pescam tudo o que se possa pescar por esse mundo de Christo.

Os seus lugres, a que também chamam em França *grésillans*, são uns barcos muito vistosos, pintados com todas as cores, com um aparelho admiravel, com uns mastros elegantissimos que terminam n'uma flecha doirada. E n'esses lugres andam por toda a parte; vão pescar aonde ha boa pesca. Vão ao atum, quando não vão á sardinha.

Não se contentam porém com pescar, também negociam. Em havendo pesca abundante de sardinha em algum sitio, elles ahí estão, compram-n'a aos pescadores, muito baratos, salgam-n'a e vão logo vendel-a a sitios onde os preços são mais altos.

Para fazerem este negocio com lucro certo, organisam-se em companhias que teem os seus correspondentes, que lhes telegrapham para os avisar se a pesca é boa ou má. Esses correspondentes são quasi sempre padeiros, a quem elles dão a sua freguezia. Se por acaso mandam algum aviso erroneo, é com a perda d'essa freguezia que são punidos.

Succedeu pois, ha sete ou oito annos, que uns *grésillans*, andando um na sua faina ás voltas ahí pelas aguns da bahia da Biscaya, apanharam nm temporal medonho. Foram correndo diante do tempo como se diz, e foram dar comsigo na costa de Portugal, talvez por Cezimbra ou Peniche, ou coisa assim. Fosse onde fosse, o que é certo é que foi em sitio onde se estava pescando com as taes redes aperfeiçoadas, e onde se apanhava sardinha aos cardumes, sardinha que se vendia baratissima. Os nossos homens da ilha de Groix compraram á larga, e voltaram para a sua terra com essa esplendida carregação. Naturalmente os seus patricios perguntaram-lhes aonde é que elles tinham ido buscar tanto peixe. E elles responderam que o tinham apanhado na ilha de Yeu.

E' claro que, tendo encontrado nas costas portuguezas o El-Dorado da sardinha, os pescadores bretões da ilha de Groix cá

voltaram nos annos seguintes, e, voltando á Bretanha com a sua carregação de peixe, tornaram a vendel-o por bom preço, bom para elles, mas também convidativo para os compradores. E, sempre que se lhes perguntava d'onde vinham, respondiam que vinham da ilha de Yeu. Começaram todos a achar um pouco estranho que fosse tão fértil só para aquelles pescadores o mar d'aquella ilha.

Escreveram para lá e pediram informações. Da ilha responderam que nunca lá tinham apparecido semelhantes pescadores. Ao mesmo tempo os *grésillans* davam com a lingua nos dentes, e confessavam que a ilha de Yeu não era senão a costa de Portugal. Entre os empregados na fabrica de conserva começou logo a circular a idéa de vir para Portugal, não pescar, mas fabricar conservas de sardinha. Dito e feito, a emigração para Portugal começou e aqui se estabeleceu a industria, que tem prosperado extraordinariamente com elementos bretões.

O estabelecimento d'essa industria foi, diz ainda o sr. Pouchet, um rude golpe vibrado á França, que já estava tendo que lutar, como em todos os ramos de actividade humana, com a concorrência da America. Essa porém não era igualmente temível. Os productos da America, diz ainda o sr. Pouchet, «da sardinha só tinham o nome». A concorrência portugueza, diz elle ainda, fazia perder á França «o monopolio honesto.»

Tem alguns elementos de verdade esta narrativa? Não o podemos dizer. O proprio sr. Pouchet lhe chama «lenda». Accrescente-se além d'isso que os escriptores francezes continuam a mostrar a mais crassa ignorancia a respeito das nossas coisas. Os mais eruditos, aquelles cujos trabalhos historicos são altamente respeitados, mostram-se de uma exactidão asombrosa, o quando se occupam dos outros povos. Quando se occupam de Portugal, a *raia*, segundo a nossa expressão vulgar, é infallivel. Basta nos citar um exemplo.

Victor Duruy escreveu uma *Historia de Roma*, que é verdadeiramente maravilhosa, uma obra prima, como estylo, como estudo dos costumes, das instituições, das luctas da grande republica. Pois n'essa *Historia de Roma* falla muito de relance n'um caso portuguez. Contando as descobertas notaveis feitas pelos Carthaginezes, diz que até parece terem presentido e anunciado a America, como o prova do ter visto Christovão Colombo «aquella estatua da ilha da Madeira, que com o braço estendido mostrava o Occidente».

Ora, como os nossos leitores sabem, a existencia d'essa estatua é uma phantasia dos nossos escriptores, e deu origem a essa lenda a existencia de um rochedo com uma forma estranha. Mas esse rochedo ou essa phantasiada estatua, não existe na ilha da Madeira, mas sim n'uma das ilhas dos Açores, a ilha do Corvo; a estatua da ilha do Corvo não podia ter sido vista por Christovão Colombo, que residio na Madeiral. A pessoa que escreve estas linhas, e que tem a honra de estar traduzindo a obra verdadeiramente monumental de Victor Duruy, ficou tão espantada de encontrar semelhante erro em obra de tamanho valor, que, não ousando traduzil-a sem reparo, não ousando também manchar com uma rectificação a magnifica obra do eminente escriptor francez, preferio cortar essa estranha e incorrectissima phrase.

Sendo pois tão singularmente infelizes com as coisas que nos dizem respeito os escriptores francezes, é bem possivel que a narração do sr. Georges Pouchet seja completamente phantasmagorica, e que nem haja sequer um bretão em Portugal occupado com essa industria. Muito estimariamos porém que algum dos nossos assignantes, conhecedor do assumpto, nos desse a esse respeito as informações necessarias.

Tratando depois da questão da desaparição da sardinha, o sr. Georges Pouchet emite a opinião de que é perfeitamente phantastico tudo quanto a esse respeito se diz: que a falta de sardinha em França durante os ultimos annos, attesta unicamente que se dá na pesca da sardinha uma d'essas crises que se teem dado durante alguns seculos com relação aos arenques. Teem se passado annos e annos em que o arenque desaparece, depois volta. O mesmo aconteceria com a sardinha. O receio de que uns certos modos de pesca possam produzir a escassez do peixe, reputa-o pueril o sr. Georges Pouchet. Affirma que é tão restricto o espaço em que se pesca a sardinha com relação á immensidade do mar, que seria tão absurdo imaginar que se destróe a especie por se fazerem n'esses pequenos espaços umas razias enormes, como seria imaginar-se que se destruiam as andorinhas por se dar cabo das que entram n'uma certa cidade.

Observa que os pescadores, assustados com a escassez do peixe, que se manifesta de quando em quando, sem se saber porque, attribuem esses desastres a causas verdadeiramente futeis. Os de Inglaterra attribuiam-n'a aos tiros da artilheria, os de França attribuiam-n'a também aos tiros da artilheria, mas n'um polygono que ficava a doze leguas de distancia.

Sobretudo combate a prohibição das redes aperfeiçoadas, que o governo promulgou para attender ás reclamações insensatas dos pescadores. Affiança que, continuando a industria portugueza a prosperar, d'essa concorrência terrivel, como que auxiliada pelo governo republicano, resultará a ruina da industria franceza. E a proposito d'isso traduziremos um curioso paragrapho do artigo do sr. George Pouchet:

«Emquanto a proteger a sardinha, essa protecção á sardinha

dispensa-a tanto como a dispensam o bacalhau e o arenque oceanicos. Bem o perceberam os Portuguezes, que a pescam pelos meios mais aperfeiçoados, que nós não queremos em França, e sem se importarem com a idéa de anniquilarem os bancos que passam ao seu alcance. Sabem perfeitamente que nunca os tornarão a ver, que todo esse peixe, se não fôr pescado, será dizimado pelos seus inimigos naturais, ou então, o que é prior, irá cair nas rédes da nação vizinha para a enriquecerem com ludo o que elles tiverem deixado escapar.»

Ora, realmente, é já para nós uma consolação, nós que estamos constantemente costumados a ouvir dizer: «Vejam o que se faz lá fóra! É uma vergonha para nós! Imitemos os estrangeiros!» é uma consolação, repetimos, ver agora um escriptor do pulso do sr. Georges Pouchet dizer tambem aos seus patrios: Vejam o que se faz em Portugal! Os Portuguezes sim, esses é que teem juizo! Elles bem sabem o que hão de fazer! Assim nós o soubessemos!

Parece-nos interessante este assumpto, e folgaremos bem que elle desperte a attenção dos que o conhecem profundamente.

PINHEIRO CHAGAS.

## HISTORIA DE QUINZE ANOS

(Por Edmundo Benoit-Lévy)

III

A assembléa separou-se em Bordeus para se reunir novamente em Versalhes no dia 27 de março, e, n'essa occasião, o presidente exprimiu a saudade e o reconhecimento dos deputados pela generosa hospitalidade que todos ali tinham recebido.

Pouco depois rebentava em Paris a terrível insurreição denominada de 18 de março, e o comité central da guarda nacional praticava barbaramente o assassinato dos generaes Lecomte e Thomás. A celebre communa ia dentro em breve manchar as paginas da historia de França, não somente agitando o facho da discordia, mas derramando barricadas de petroleo e ateando o incendio por toda a parte. Corramos um véo sobre esses horrores, que andam na memoria de todos... De certo que ainda ninguem esqueceu a morte dos refens, a demolição da gloriosa columna Vendome, e a destruição pelo fogo dos principaes edificios publicos!

O marechal de Mac-Mahon foi encarregado de tomar Paris, e agradeceu a Thiers a sua nomeação nos termos seguintes:

«Senhor Presidente

«Tive a honra de depôr nas vossas mãos o meu juramento de gratidão e de fidelidade. Estava vencido, prisioneiro, humilhado. Restituistes-me, com a minha honra, a minha carreira militar, Puzestes-me á cinta uma espada nova, e permittiste-me voltar á capital da minha patria á frente de um exercito. Taes serviços não seriam bastantemente pagos com a dedicação de toda a vida.

«Marechal de Mac-Mahon  
Duque de Magenta.»

A lucta acabou na semana de maio, embora haja que lamentar muitas crueldades commettidas pelos vencedores, as quaes, na phrase do sr. Julio Simon, «é impossivel pensar em justificar.» Na verdade foram sem conta os mortos durante a lucta, e, depois d'ella, os fusilados, os degredados e os forçados. A imperiosa necessidade da salvação publica deu ao governo de Versalhes uma energia extraordinaria.

A 10 de maio tinha já sido assignado em Francfort o tratado de paz, celebrado directamente por Julio Favre, Pouyer-Guertier e Goulard, com o principe Bismarck, e, passados dez dias depois da approvação da assembléa nacional, trocaram-se as ratificações.

A essa importante deliberação seguiu-se outra não menos grave: a revogação das leis do exilio e a validade da eleição dos principes de Orléans, que tinham alcançado maior numero de votos nos departamentos do alto Marne e do Oise.

O relatorio sobre a proposta, feito pelo sr. Batbie, era favoravel aos principes, e foi approvado por grande maioria. Este resultado significava uma concessão de Thiers á direita da assembléa, á qual elle, não obstante, recordou o pacto de Bordeus, qualificando o governo de então de «governo de todo o mundo, que, pela vez primeira, ha muito tempo, não é o governo de um partido, mas sim o de todos os partidos, governo que se chama a republica.»

Por essa occasião Thiers acrescentou:

«Não trahirei a republica!...

«Disseram-me os principes que elles não seriam um obstaculo, que elles não appareceriam no seio d'esta assembléa, e que nunca justificariam nenhum dos receios que tanto me haviam preoccupado.

«Acceitei este generoso sacrificio, acreditei que poderia, consequentemente, acceitar a lei que vos foi proposta, com a condição de que, defensor da paz publica, encarregado da conservação da ordem n'este paiz, não somente d'esta ordem material que nós temos restabelecido com milhares de tiros de peça, ha alguns dias mas da ordem nos espiritos, guardo para mim contra todos o direito de acção, se julgar a França ameaçada no seu presente, no seu futuro, nas suas instituições, sob a reserva de nada tomar sobre mim senão uma iniciativa de algumas horas e de vir immediatamente submeter á vossa approvação o que tiver feito.»

Appareceu então na scena politica a sombra do conde de Chambord, cujo manifesto dizia que elle não deixaria arrancar das suas mãos a bandeira de Henrique IV, de Francisco I e de Joanna Darc, e que nas dobras gloriosas d'esse estandarte levaria aos francezes a ordem e a liberdade. Pura imaginação! O effeito da improvisada proclamação foi deploravel para o ultimo dos Bourbons. Só a republica lucrou com elle.

Com effeito, julgou-se que não podia haver mais propicio ensejo para dar alguma estabilidade ao governo provisório da republica, e tal foi o pensamento que dictou ao sr. Rivet o seguinte projecto de lei, apresentado em 12 de agosto:

«Considerando que é conveniente, para corresponder aos votos da nação, satisfazer aos mais instantes interesses do trabalho e do credito, e dar novas garantias de estabilidade ao governo estabelecido, a assembléa nacional resolve:

«Art. 1.º—O sr. Thiers exercera, com o titulo de presidente da republica, as funcções que lhe foram commettidas pelo decreto de 17 de fevereiro ultimo.

«Art. 2.º—Os seus poderes são prorogados por tres annos.»

Esse projecto soffreu alterações importantes na commissão, as quaes, sem o alterarem na sua essencia, lhe imprimiram um caracter differente, dando-lhe muito maior alcance. O relatorio dizia, logo no principio, que a assembléa era constituinte, o que provocava a discussão; e mui judiciosamente observou Gambetta que o facto da assembléa discutir o poder constituinte, estava de per si demonstrando que elle lhe não fóra dado.

Durante o seu discurso o grande orador teve que luctar contra injurias, interrupções, tumulto, e concluiu por estas palavras: —«Faltam-me as forças, e não posso acabar. Termino por dizer: Sereis forçados a soffrer a dissolução, se não tiverdes a coragem nem o patriotismo de a affrontar.»

O projecto foi approvado, mas a minoria de 225 votos contra 434 era já respeitavel.

Thiers agradeceu á assembléa esse preito inequivoco da mais elevada consideração. Entre outros cousas, dizia o seguinte:

«Senhor presidente.—A minha primeira mensagem não deve, não pode ter outro objecto senão pedir-vos que sejaes o meu interprete com a assembléa, e lhe agradeçaes a honra que me fez, conferindo-me a primeira magistratura da republica, dando-me sobretudo uma nova prova da sua alta confiança. Se para a merecer basta uma absoluta dedicação pelos interesses publicos, ouso dizer que sou digno d'ella e agradeço a todos os grupos da assembléa o terem esquecido as dissidencias que podem tel-os dividido, sobre alguns pontos, para communicar ao poder uma força maior e fornecer-lhe d'esse modo o meio mais effcaz de fazer o bem.»

A mensagem não foi bem recebida pela direita. Não soaram bem as palavras «primeira magistratura da republica.»

Pouco depois a assembléa addiu as suas sessões para 4 de dezembro.

A successiva reunião das côrtes teve, como é sabido, os mais prosperos resultados. Cuidou-se activamente de restabelecer as finanças, inteiramente desorganizadas apoz tantas calamidades; melhorou-se a instrucção publica; votou-se por grande maioria uma lei contra a Internacional; tratou-se da formação de um conselho de guerra para julgar o marechal Bazaine; foi ratificada a convenção com a Allemanha para o pagamento da contribuição de guerra, e auctorizado o governo a contrahir um emprestimo de tres billhões de francos, do que resultou serem-lhe offerecidos quarenta e dois; restituiram-se aos principes de Orléans os bens moveis e immoveis que tinham passado para o Estado em 1852, e este assumpto deu logar a prolongados debates.

Occorreu em seguida (9 de janeiro de 1873) em Chislehurst, na loglaterra, a morte de Napoleão III, que soffria ha muito da hexiga, não faltando quem sustente que elle, nos ultimos tempos da sua vida, não gosava por tal motivo do seu livre arbitrio com-



ESTATUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I

pleto, e que a esse facto se devem attribuir, em grande parte, as hesitações nos derradeiros actos do seu governo. Seja como fôr, não causou pena a sua morte. A linguagem dos jornaes do tempo é assaz severa para a sua memoria. O *Journal des Débats* não duvidou escrever que embora o termo da vida de Napoleão III fosse tão sombrio e lamentavel que movia a compaixão, a verdade era que nos dois annos antecedentes a França vettera tantas lagrimas que já não tinha mais para derramar por aquelle que fôra causa d'ellas. E o *Rappel* disse menos e melhor: — «Volta-se de Santa Helena; de Sedan é que se não volta.»

As idéas republicanas tinham-se propagado por toda a França, e a experiencia mostrara quanto fôra acertado e feliz o pensamento de Thiers em estabelecer a republica conservadora, que significava antes uma negação que uma affirmacão. Pois estava radicado em todos os animos o convencimento de que nenhum dos pretendentes ao throno de S. Luiz tinha adhesões bastantes para fundar uma situação estavel. Thiers, antigo ministro da monarchia de julho, e afeiçoado ao systema constitucional em que se fizera o homem de estado que todos veneravam, aceitava a republica, como uma necessidade de momento, e não como a expressão pratica das suas crenças. Fiel aos compromissos que tomara, tinha prestado assignalados serviços, e ainda durante a vida colhia as palmas que a historia só confere aos benemeritos da patria e da humanidade.

Descontentes os monarchicos e os bonapartistas, por verem que o presidente da republica não lhes favorecia as ambições, coalisaram-se para o derrubar. A sessão de 23 de maio de 1873, a que assistiu todo o corpo diplomatico, e tambem o marechal Mac-Mahon, ia dar um novo exemplo da ingratitude dos homens. Uma multidão enorme cercava o palacio de Versalhes, e na sala das sessões era grande a animação de todas as parcialidades politicas. Thiers, sentado no banco dos ministros, havia de fallar ao outro dia, mas já estava julgado antes de ser ouvido.

Abriu o debate, com mordentes ironias, o duque de Broglie, um dos chefes da coalisção. A resposta de Thiers, por mais persuasiva e acerada que fosse, não podia destruir a situação creada pela direita da assembléa, situação que fôr comparada ao regimen do sabre, tirado para subjugar a nação, a um governo de combate contra ella, em summa, a um 2 de dezembro legal.

A segunda sessão d'esse dia começou ás 2 horas da tarde (a primeira abrira ás 9 da manhã). Foi então que o sr. Target apresentou uma moção que era o golpe de misericórdia, embora parecesse desejar a conservação de Thiers á frente dos negocios publicos. A votação que se seguiu da «ordem do dia pura e simples» deu 16 votos de maioria á coalisção dos monarchicos e bonapartistas. Tinha caído o governo.

Nova sessão ás 8 horas da noite. O presidente do conselho de ministros lê a mensagem em que Thiers dá a sua demissão. E, procedendo-se immediatamente á eleição do seu successor, a escolha recahiu na pessoa do marechal Mac Mahon, que obteve 390 votos.

Cousa notavel! A esquerda não votára.

ALBERTO TELLES.

## PALESTRAS THEATRAES

Nos ultimos 15 dias, o mundo theatral não teve movimento forte, não representou peças de merito elevado; todavia, cumpre registrar tres producções merecedoras d'analyse: referimo-nos á *Guerra em tempo de paz*, no theatro do Rocio, *O chapéu alto*, no do Gymnasio, e uma versão aprimoradissima do *Gaiato de Lisboa*, pelo modesto quanto esclarecido escriptor, o sr. Emilio Vidigal Salgado.

A nossa imprensa periodica limitou-se apenas a dizer que o *Gaiato de Lisboa* fôra representado em beneficio da novel actriz Laura G. dinho, desdenhando indicar ao menos que a traducção era nova e não a do *Archivo Theatral* ou a do sr. Aristides Abran-ches.

A chronica diaria nem sequer ousou proferir o nome do auctor da traducção, por isso não podemos furtar nos ao dever de relatar esse facto, que revela as excellentes qualidades de escriptor correctissimo e possuindo o raro predicado de versar com subido esmero a linguagem vernacula, sem faltar á verdade no dizer de cada personagem dos sete que entram nos dois actos do *Gaiato*, comedia que, apesar de velha, como por ahí propalam, é sempre nova, sempre viva, como tudo que é natural.

Em que são inverosimeis os caracteres, os costumes, os lances, as situações? O indispensavel seria o que executou o sr. Vidigal Salgado: — fazer fallar cada uma das figuras, como se ellas vissem a vida real e não uma certa vida theatralmente convencional, que se agita por esses palcos, em que os personagens fallam academicamente e fôra do estylo proprio do seu temperamento, caracter, organização, e grau d'educação social e intellectual, idade, relações com os outros interlocutores, etc., etc.

Em Portugal ha a preocupação incontestavel de pôr em to-

dos os personagens a mesma maneira de exprimir-se, o que rouba o valor á concepção psychologica. Como pode ser humano quem o não é pela genuina expressão verbal dos sentimentos e idéas? Ainda que estes sejam naturaes, senão contraditoria com elles a forma do estylo, o personagem desfaz-se e resta apenas uma figura, dizendo palavras e palavras que ninguem diria nem sequer pensaria se fosse a tal machina fallante, que se move nas taboas do palco.

O sr. Vidigal Salgado obteve o triumpho de adoptar *rigorosamente* a linguagem á pessoa, definindo esta pelo dizer, como na vida real o observamos incessantemente.

Se no final do primeiro acto *Raul* proferir uma ou outra palavra menos consoante a sua *bohemice*, devemos attribuil-o á delicadeza d'aquelle escriptor, que accedeu aos pedidos da beneficiada, que por certo se convenceu de que arrancaria muitos applausos e ardentes palmas dizendo uma *tirada* litteraria! A parte este *senão*, a versão do intelligente escriptor é correctissima; um verdadeiro modelo de propriedade d'estylo, de realismo em theatro. Estes solidos e apreciaveis dotes, os mais d'fizeis de conquistar, porque demandam observação profundissima e uma alta comprehensão das condições da arte dramatica e um gosto apuradissimo, ainda mais realçariam se a interpretação tivesse tido tempo para ser artisticamente conscienciosa. Não o foi, desgraçadamente, por um conjuncto de causas proximas e remotas, *algumas* das quaes nada interessam aos nossos leitores.

Estamos intimamente persuadidos de que a peça, se tivesse sido ensaiada pausadamente pelo intelligente actor-ensaiador, o sr. Augusto de Mello, ou por outro do mesmo valor, se elle tivesse podido continuar essa meritoria tarefa com zelo vivissimo e a intelligencia clara no ensinar, como o manifestou no unico ensaio das 7 primeiras scenas do primeiro acto, se elle tivesse corrigido o grave erro de prosodia, que se ouve frequentemente no theatro portuguez, de ferir os dois *i* nas palavras — *ministro, visita, Diniz*, etc., etc., o *Gaiato* teria obtido um *ensemble* de representação satisfactoria, sem comtudo nos illudirmos, porque a protagonista, apesar da sua muita aptidão, a custo nos daria um *gaiato* verdadeiro. Não tem a joven actriz que se magoar, porque ella é a primeira a reconhecer que o papel exige na interprete um conjuncto de qualidades, que é extremamente raro encontrarmos em uma mulher.

O papel é extraordinario, é esmagador; todavia, a actriz Laura disse algumas pbrases bem e manteve por vezes a individualidade, escapando-se-lhe esta, porque realmente a identificação do garoto é d'um impossivel, digamos o termo, em menina educada, e não pode ser perfeita, senão depois d'um estudo aturadissimo de muitos e muitos mezes e sob a direcção d'um mestre competentissimo.

Todos sabem que nos theatros os actores prestam fraca attenção ás peças, que se representam uma só vez. Se ellas não são dirigidas por bom ensaiador, ou se não tem direcção alguma, então não ha motivo para admiração o não serem interpretadas correctamente. No *Gaiato* houve milagre no que vimos, mórmente por parte da sympathica actriz Laura, que nos dá fundadas esperanças de vir a ser uma boa actriz de comedia.

Estando ella escripturada pela empresa Sousa Bastos, ministrem-lhe papeis, utilizem-lhe a provada aptidão, porque o merece em absoluto, e tambem pela desoladora circumstancia de não haver ha muitos annos a revelação de talentos scenicos.

O theatro portuguez soffre d'uma enfermidade medonha: falta de talento em quasi todos que nos derradeiros tempos tem para elle entrado. Receiamos que em breves annos os antigos e bons hajam desaparecido, e que as fileiras da phalange theatral venham a ser tão rareadas, que sobrevenha uma crise aterradora, que origine a morte, por inanición, da scena nacional. Esta propheta tenebrosa abrange actrizes e actores. Não tememos um desmentido.

O incentivo para abraçar uma arte tão exigente, é nullo. Não ha escola official organizada, não diremos sabiamente, mas nem sequer mediocremente. Nenhuma habilitação se exigem aos que n'ella vão cursar; ha carencia absoluta de bons programmas e divisões sérias de disciplinas, e a forma de recrutamento do professorado, em que são desprezados os principios sagrados do curso de provas publicas ou até mesmo o documental, é conhecida de todos que se interessam cordealmente pelas questões vitais concernentes á arte dramatica. Os bons ensaiadores vão diminuindo assustadoramente. Não ha jornaes theatraes, com essa feição peculiar, em que se tratasse a serio da parte didactiva, da historia do theatro e da critica scenica. As empresas não organisam companhias, não diremos regulares, mas nem mesmo constando dos elementos de pessoal indispensavel para a constituição dos grupos d'*emplois* essenciaes; os artistas revolteam de theatro em theatro — qual folha secca na estação outonica impellida pelo vento, transitando com a maior indifferença da comedia para a opereta, d'esta para o drama; o theatro de D. Maria não é escola pratica dos rarissimos discipulos do conservatorio; o governo não tem junto d'aquelle theatro um delegado scenico, um empregado apto para fiscalisar todos os trabalhos technicos e litterarios ali exhibidos, limitando se a ser representado somente por um funcionario denominado commissario, que fiscalisa o contracto d'adjudicação na parte meramente material; as familias afugentam do thea-



PAULO DE KOCK

tro os seus filhos mais inteligentes e ilustrados e até os que patenteiam decidida propensão theatral, pois observam o futuro precario dos actores e reconhecem que muitas vezes a instrucção n'esses profissionaes é um titulo de recommendação negativa.

O que seria impreterível pôr em acção para atenuar em parte o mal de que padecem o theatro e a classe dos seus cultores?

Creemos que pela imprensa periodica, toda unificada no pensamento d'elevantar a scena ao que ella pode razoavelmente ser, e pela iniciativa do governo extinguindo a actual aula dramatica e organisando-a desde os alicerces, segundo bases que fossem discutidas com intelligencia e dignidade nos órgãos da opinião publica pelos especialistas na materia em questão, conseguiríamos curar não radicalmente, mas illaquear a doença que invade temerosamente o theatro portuguez.

Resatando o fio cortado da apreciação muito geral do *Gaiato*, não passou despercebida a estreia da actriz Luiza d'Oliveira, no papel da irmã do general. Patenteia disposição feliz e parece-nos a nós que possui ella recursos, que, conveniente aproveitados, produzirão effeito apreciavel nos seus progressos futuros. Tem boa presença, voz proporcionada á scena, physionomia agradável e expressão d'olhos viva e significativa. Nos papeis da indole do que vimos fallando, o seu porte e ademanes serão os adequados, tal o apresentou na fidalga burgueza pretenciosa, irmã d'aquelle general de animo corajoso e coração de ouro, representado discretamente pelo estimado actor Salazar.

O auditorio soube reompensar os esforços dos artistas, porque, não obstante não ter sido aprimorado o desempenho, pelas razões expostas e por outras que não veem a publico, a peça ouviu-se com agrado, devido principalmente á belleza correcta da versão, á inestimavel forma de linguagem dos interlocutores e á natural simplicidade da verdade humana dos caracteres e situações.

Os leitores comprehenderão, pois, que sendo obrigação de força maior impulsar, animar os noveis artistas, e tendo a representação do *Gaiato* uma historia accidentada, revestida das mais imprevisas peripecias e extraordinarios episodios, não devemos importunar fatigantemente o leitor com uma obra, que seria muitimo melhor tratada se não fosse o que acima referimos.

Entraram no *Gaiato*:—actrizes Luiza Candida, sua filha Isaura, Laura Godinho, Luiza Oliveira; actores—Salazar, Carlos Rocha e Oliveira.

\* \* \*

No Gymnasio ouviu-se uma comedia em tres actos, traduzida livremente pelo sr. Soller, chamada — *O chapéu alto*, a que melhor poríamos o nome de — *O chapéu do padre prior*, ou simplesmente *O chapéu do prior*.

E' uma d'estas peças de cuja audição salmos bem impressionados, porque é urdida com engenho, não diremos superior, mas apreciavel, porque dá uns esboços humanos tracejados com mão segura e envolve uma lição efflicaz para maridos... peccadores.

Não contém baboseiras obscenas, que parecem ser, nos ultimos tempos, um signal evidente de corrupção de costumes e dissolução nas familias, pois ha muita gente que não põe os pés em theatro se a peça não for fresquinha.

E' um reflexo do mal que alastra pela sociedade portugua o de que as emprezas de theatros fazem util exploração, correndo o publico em massa para os camaroteiros, todo afadigado, para libar o gozo d'um dito picante, d'uma phrase grosseira e crapulosa, que substitue o espirito e a graça tão frequentes em situações que podem decentemente apresentar-se em scena.

A comedia é um poemetosinho da anciedade e contrariedades d'um marido, que, sendo boa pessoa, é comtudo tributario da infidelidade consorcial. D'ahi uma embrulhada em que anda mettido um outro marido, o irreprehensivel, o troar dos furores desatinados d'uma esposa, que representa a inexorabilidade para os maridos frageis, e mais uns personagens episodicos recortados do natural.

O typo do medico descrente da sciencia e da virtude feminina é de bom desenho e de ridiculo apropriado, com o qual o actor Valle se ermanou e que elle entendeu claramente. O seu trabalho n'este papel é artistico, porque o actor, pondo ao serviço do personagem os seus dotes magnificos, creou individualidade e não se substituiu ao papel, como infelizmente ás vezes o observamos, e o publico e a imprensa tambem o notarão; mas o prestigio do Valle é tão grande que receiam magoal-o dizendo-lhe lealmente esta verdade, que não devera ser licito occultar a quem, pelo estudo, poderia sempre merecer os altos louvores, que por admiração incondicional lhe dirigem os jornaes e lh'o significa o publico palmeando-o ainda antes d'elle proferir uma palavra ou fazer um gesto.

E' porque respeitamos em extremo o merito do artista, que folgariamos com que elle nunca alcançasse um triumpho que não fosse de todo o ponto merecido.

A maior gloria para um artista theatral seria recolher ao camarim, repousar da fadiga d'um labor consciante e consciante-mente premiado pelo auditorio.

Que tristeza deverá ser a certeza de o applaudirem não pelo impulso irresistivel da justiça, mas pelo favor d'uma sympathia, aliás fundada n'outros papeis, ou n'um conjuncto de qualidades em que a mãe natureza é prodiga com alguns e tão mesquinha com outros, os quaes, sem embargo, se sabem pagar d'essa avareza sortida, esmagando-a com o fazerem olvidar ao publico que tem maos olhos, má voz, má physionomia, má figura, etc., etc., tudo muito mau. Quem contradictará esta verdade, sendo d'ella brilhantissimo exemplo o eximio actor Coquelin, grande pelo talento, mas muito maior pelo estudo, pela gigantesca lucta com um physico pobrissimo? Que prodigios d'articulação elle executa, domando aquella voz fanhosa, nazalada, ingrata e conseguindo ser ouvido do fundo do theatro com uma emissão fraquissima de voz, excedendo n'este respeito a interprete illustre da *Tosca*!

Não queremos fatigar demasiadamente os leitores. A que aspiramos é a motivarmos os nossos reparos, a justificarmos as nossas observações criticas, e por isso não exemplificamos mais, mas creiam que os casos e as lições da experiencia são em numero infinito para demonstrarmos que, em theatro, são venciveis a maior parte dos defeitos d'organização natural.

Quando, porém, o artista é riquissimo de prendas congenitas e que elle tem aprimorado pelo dilatado tircinio do palco, corre-lhe a imprescindivel obrigação de não desperdiçar tantos dons da Providencia. Seria um crime inexplicavel.

Barbara, n'esta peça, deu a conhecer quanto a sua clara intelligencia amadurece e se avigora, cultivada pela forma, que se manifesta no estudo da composição dos personagens.

O talento d'esta actriz é progressivo, porque o fecunda o estudo constante. O papel é magnifico; mas sabel-o representar, é muito louvavel.

Um papel bom, mal representado, ainda põe mais em evidencia a inferioridade do artista, do que um papel máo, porque n'esta segunda hypothese a ruindade do papel conduz á desculpa do artista, e no primeiro caso é imperdoavel que o mau artista assassine uma obra prima.

Entendemos por bons papeis, não os brilhantes. Esses podem ser falsissimos. Os papeis em que o personagem tenha logica no pensar, no sentir e no dizer: personagem bem concebido, que tenha o cunho d'uma realidade intensissima, colorida por um gosto artistico primoroso do auctor; personagem que possa ter uma incarnação tão pura que seja ella a propria verdade, estes é que são os bons, os excellentes.

Os outros artistas que interpretam os demais papeis, são: Eloy, Diniz, Soccorro, Cardoso, Frederico de Sousa, Judith, Beatriz. Esta apreciação muito geral, obrigada a um só numero de jornal, não dá margem a reparos minuciosos; ao contrario, julgamos justo estimular os artistas com o louvor condigno. Individualidades estudadas e bem marcadas. Beatriz, pacoviasinha de provincia, um tanto maliciosa; Judith, credula esposa e de boa apresentação; Eloy, victima innocente dos peccados do amigo Diniz, e Diniz muito commedido na sua exuberante natureza artistica; Soccorro, um soffrivel matuto com pretensões a esperto, e o Cardoso, esse modestissimo quanto applicado actor, que detalhou bellamente o guarda-portão:—“que viu em dois annos apenas 7 noivos á menina... Paz.”—cooperaram para o exito que a peça e o seu traductor tão justamente alcançaram.

O sr. Soller queria esquivar-se aos applausos. Pois mereceu-os, porque a versão está correcta e fluente, sem pretensões a obra litteraria, mas d'gua d'uma comedia fallada com naturalidade.

Leopoldo de Carvalho ensaiou com muito cuidado o *Chapéu*.

\* \* \*

Para o proximo artigo escreveremos da *Guerra em tempo de paz*.

ALFREDO OSCAR MAY.

## PERFIS

X

SARA

(A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Elvira Ferreira)

Anda sempre pela rua,  
Cantarolando á viola,  
E, quando lhe dão estorlo,  
Mata logo a fome crua;  
Anda sempre pela rua,  
Cantarolando á viola.



E assim lucta com a vida,  
Se acaso aquillo é viver,  
Tendo já a fé perdida,  
E as illusões de mulher...  
E assim lucta com a vida,  
Se acaso aquillo é viver.

E, ósinha, sem desvelos,  
Morre, um dia, no hospital,  
Sem ter ninguem, afinal,  
Que lhe cerre os olhos bellos;  
E, ósinha, sem desvelos,  
Morre, um dia, no hospital.

LUIZ DA SILVA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

MONDEGO

Rio da Beira Baixa, Beira Alta e Duro.

Nasce na serra da Estrella, perto da cidade da Guarda, e morre no Ocean, entre a Figueira e Buarcos, com 150 kilometros de curso; sendo navegavel por espaço de 65 kilometros, que vem a ser desde a Foz-Dão até a barra da Figueira.

Depois do Lima e do Minho, é o mais formoso rio de Portugal, pelas suas lindas margens.

Posto que este rio seja inferior em belleza, ao Minho, e ainda mais ao Lima, é mais celebrado do que elles, por passar por Coimbra.

ESTATUA EQUESTRE DE EL-REI D. JOSÉ I

Foi esta magnifica estatua fundida sob a direcção do tenente-general Bartholomeu da Costa.

E' inteiriça, fundida de um só jacto e foi preciso, para fazel-a, que na fórma entrasse a immensa quantidade de 556 quintaes e meio de bronze fundido.

O estatuario Joaquim Machado de Castro ficou tão agradado com o maravilhoso exito obtido por Bartholomeu da Costa, que disse d'elle o seguinte:—«entre os maiores louvores, que se lhe derem a este respeito, não devem os que eu proferir ter o menor logar, porque tenho mais razões para conhecer o primor com que a fundição exprimiu tudo quanto a esculptura fez.»

O retoque a cinzel, depois da fundição, foi executado pelo esculptor e mais oitenta e tres artifices do arsenal do exercito e da officina de marmores da praça do commercio, trabalho em que se gastaram 62 dias.

A 25 de maio de 1775 foi suspensa a estatua do fosso em que a fundiram e retocaram e collocada no carro de transporte, sobre o qual ficou assente no dia immediato, saindo para o logar do seu destino no dia 22 de maio.

Na conducção gastaram-se tres dias e meio consecutivos. No transporte puxavam os cordões muitos trabalhadores aciadamente vestidos, que faziam o trabalho, mas por maior condecoração tambem pegava nos mesmos cordões a corporação da casa dos vinte e quatro, precedida do juiz do povo e muitas pessoas distinctas da repartição das obras publicas. A collocção da estatua sobre o pedestal foi encarregada a João dos Santos, sota-patrão-mór da Ribeira das naus.

PAULO DE KOCK

Só de lhe lér o nome, já a gente desata a rir!

Em todos os tempos os francezes fizeram coisas notaveis; deitaram thronos de pernas para o ar, fizeram revoluções, ganharam e perderam imperios; mas lá como o *Coitadinho*, isso é que nunca fizeram nem tornam a fazer!

Paulo de Kock não foi só o romancista mais popular de França e de Navarra: foi o do mundo inteiro. O chiste dos seus romances estava logo no titulo, *Este senhor, Sem gravata, o filho de minha mulher*: a graça dos personagens principiava-lhes no nome e no emprego, era o Robineau, era o Robinete, era a Fifina, era a Zizina: e um faz barretes, o outro é confeiteiro, este

pinta taboletas, aquelle faz lamparinas, é negociante de melaco, é salchicheiro: todos ás cambalhotas, caem d'aqui, d'acólá se levantam, em grande risota, a tirarem o fato a maior parte do tempo—mesmo aquelle que o pudor inglez chama indispensavel...

Nunca mais se esquecem aquellas ranchadas: estão a vêr-se os chalinhos, as toucas das *grisettes*, as botas de cutim cru, a agua furtada, as idas ao campo, o amor, de burrinho, a trotar pela floresta de Montmorency...

Fica cada um a lembrar-se do sr. Dupont, de Georgeta, da leiteira de Montfermeil, de Gustavo; gente que andava aos tombos, mas que sabia cair como soldados de cartas, sem se fazerem mal e por cima de loiça, por cima de tudo, de cabeça para baixo e pernas para o ar, pelos telhados, pelos subterraneos, pelos esconderijos!

Grande homem, que inventou os burguezes e os sucios, deu lingua aos patuscos, aos logistas, aos vendilhões, ás adellas, á rapaziada; e só não fez caso dos ladrões, deixando-os ao Ponson du Terrail para viver d'elles e tirar subsistencia e fama d'essa cambada fusca e suja!

Ao comprar um romance d'elle tinha-se a certeza de estar umas poucas de horas a rir, não com aquelle riso delicado que volteia por um momento nos labios e foge, mas o riso grosso e espalhado da jovialidade caseira. Sabia aquelle homem animar os seus personagens com uma vida meia brutal meia phantastica; eram caricaturas a carvão, d'um muro tosco, mas que tinham os toques de artista.

São verosimeis aquelles casos? São verdadeiros: a verdade nem sempre é verosimil. Quantas coisas por ahí succedem, que parece serem de Paulo de Kock! Não ha ninguem, que não conheça alguns d'aquelles typos de os ter encontrado; que não haja assistido a alguma scena, que lhe caberia a elle por direito de invenção.

Andaram por ahí os tolos a querer espalhar d'elle a fama de immoral. Fortes virtuosos! Vejam se a alegria é immoral, e se é immoral o quadro da mocidade galhofeira e sádia, raparigas ageis e coradas, e rapazes que são umas flôres, sempre contentes, quer tenham dinheiro quer não, engraçados, namoristas, tropa de leva, jovial e intrepida, salta aqui, salta alli, gostando de mulheres que se pélam, e não fazendo mal a ninguem. Isso é lá ser immoral—grandes asnos!

O retrato que hoje publicamos, não mostra o alegre romancista em rapaz, porém ja o pensador de olhar reflectido onde pôde adivinhar-se a melancholia que n'alguns dos seus romances se revela, na *Irmã Anna*, por exemplo. Reparem bem n'essa agradável phisionomia, rosto franco e bom, bocca alegre, testa alta; está velho por fóra, por dentro foi sempre moço, e nunca aquelle espirito quiz saber de fatalidades romanticas, de complicações sinistras: idéa firme, phrase clara, estylo à moda de mil diabos, mas rapido, dizendo o que quer dizer, e elle ahí vae!

Em nenhuma litteratura se encontra auctor, que equivalha ao francez Paulo de Kock. Ha em muitos paizes um ou outro pintor de realidades alegres, ha contistas chistosos, ha poetas de chocarrices: mas em nenhum ha o talento e a originalidade que o distinguiam.

MORTE DE GENUCIO

(Episodio da Historia de Roma)

Os Genucios constituiram uma antiga familia de Roma, que parece ter tido muitos membros patricios e plebeus, pois que, na mesma epoca, se encontram Genucios consules ou tribunos. O Genucio que a nossa estampa representa, tribuno no anno 473 defensor da lei agraria, e inimigo dos patricios, foi assassinado por elles, uma noite, no seu proprio leito.

Houve ainda outros Genucios, tres dos quaes fóram consules.

GENEBRA

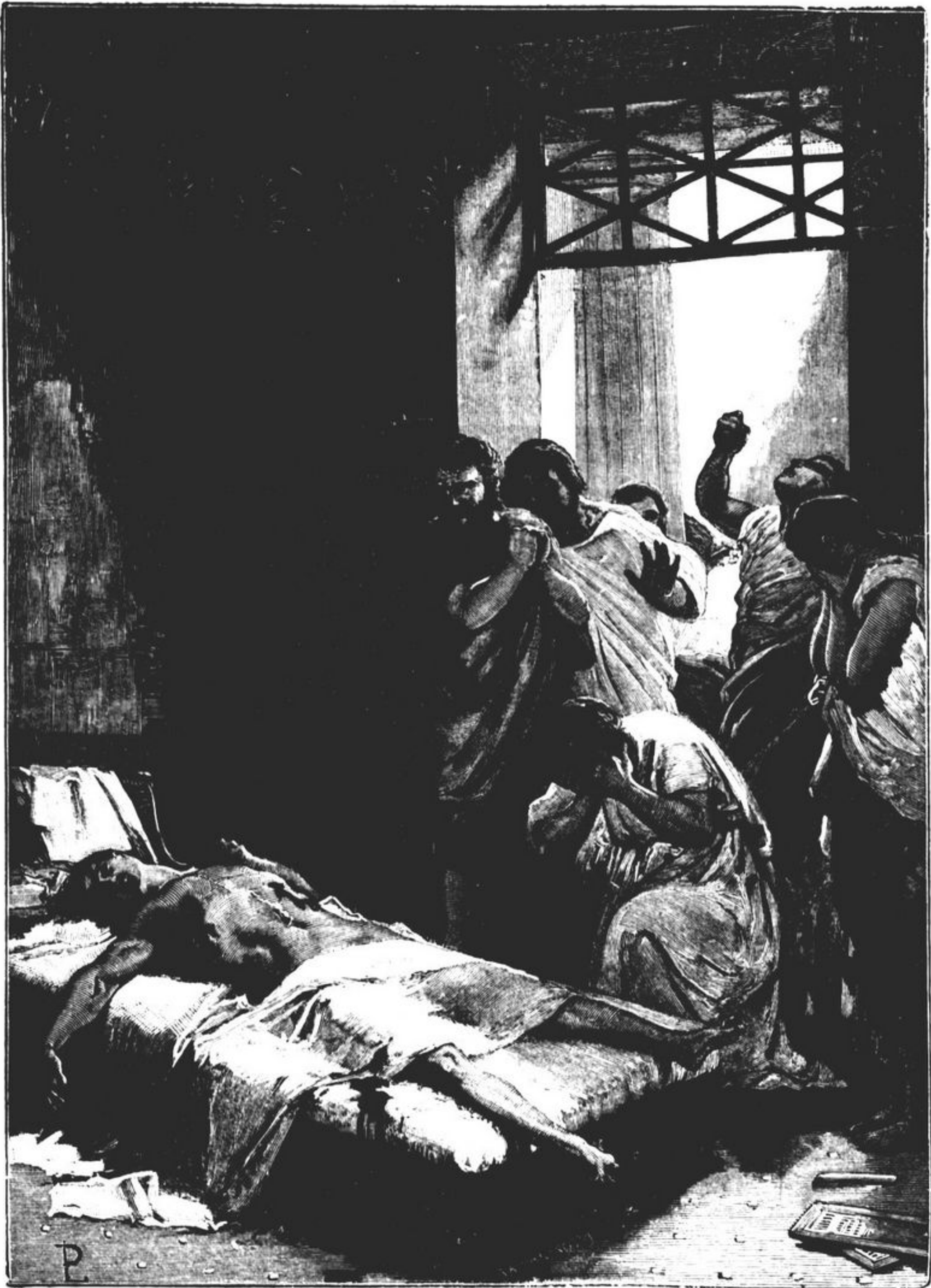
A nossa gravura representa a ponte e caes do Monte Branco, em Genebra.

Essa cidade, capital da antiga republica, tem uma população de mais de 30.000 habitantes e está situada sobre o lago de Genebra, no ponto onde desemboca o Rhodano, e encerra grande numero de edificios importantes.

No principio do seculo XI, Genebra começou a ser governada pelos seus bispos e condes. Em 1401 foi o condado reunido ao de Saboya, pertencendo aos principes d'aquella casa até 1536.

N'esse anno os cidadãos de Genebra tornaram-se independentes, proclamando uma republica que se tornou o santuario do calvinismo e o refugio de todos os exilados.

Em 1798 foi reunida á França, recobrando a sua independencia em 1813.



MORTE DE GENUCIO  
*(Episodia da Historia de Roma)*

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

## Charadas

- Quê esta mulher á oração—2—3.  
 Este rio é appellido e planta—1—1.  
 Nota o adverbio um instrumento—1—1.  
 Uma flôr deliciosa é esta cidade—1—2.  
 Sendo imperceptivel, este tubo é um mysterio—1—2.

Arneiriz

J. L. PERPETUA

## Enigmas

Que eu, boa pessoa  
 Não sou, aos ouvidos  
 Sempre me resôa.

E não rebatidos,  
 Da pacata gente  
 Ficam os bramidos.

Deixo-os livremente;  
 Que tenha má fama,  
 E' me indifferente!...

Mas, porque se escama  
 Quem tem seriedade,  
 Barra, grita, clama;

E,—pura verdade!  
 Tem-me na casinha  
 Como utilidade?

P'la má sorte minha  
 Não posso aclarar,  
 E já desmanchar  
 Esta intrigasinha.

MATHIUS JUNIOR.

Ave do Peru  
 Philosopho Romano  
 Animal Brazilico  
 Nome proprio  
 Prova de humildade  
 Pedra preciosa  
 Constellação

As iniciaes formam o nome d'um poeta latino, e as finais, o appellido d'um pintor francez.

Mansão

JOAQUIM AUGUSTO CORRÊA.

## Decifrações

DAS CHARADAS: — Justina—Casimira—Livre-pensador—Café  
 —Chacara—Simão—Moncorvo—Valeria—Oração—Cunhado.  
 DA CARTA ENIGMATICA:—Victorien Sardou.

## UM CONSELHO POR SEMANA

## LICOR ESTOMACHICO AMARGO

Magnifico para matar os vermes intestinaes nas creanças, applicando-se uma ou duas colheradas durante 3 dias.

Raizes de genciana.....	40 gr.
Casca de laranja amarga.....	40 "
Açafrão.....	20 "
Cochonilha.....	5 "
Aguardente.....	1,5 litros

Deixa-se em repouso durante 8 ou 10 dias e depois filtra-se

## A RIR

Pancraccio entra n'um armeiro para comprar um revolver.  
 M'sram-lhe um, magnifico, por dez mil ré's.  
 —E' muito caro, diz Pancraccio.  
 —Mas repare que é soberbo; tem seis tiros...  
 —Pois dê-me um só, d'um tiro, responde Pancraccio; é o bastante.

Idyllio n'um banco da Avenida:

ELLE.—Tenho-a visto tantas vezes, tantas!...

ELLA.—Aonde?

ELLE.—Nos meus sonhos!!

ELLA, *ingenuamente*.—N'esse caso, deva tambem ter visto a mamã, porque eu nunca vou a parte alguma sem ella.

## O PREÇO DAS CEREJAS

(Theodoro de Banville)

I

No mez de maio de 1887, o sr. Luciano Uleric era ainda um dos *gentleman* mais ricos de Paris; bem que possuidor de uma fortuna colossal, Uleric conseguira até ali evitar a pobreza, pelo sabio equilibrio do seu orçamento. Luciano era profundamente avarento, mas de uma avareza inconsciente e excepcionalissima. As cousas ou as pessoas que se fazem pagar a peso de ouro, desgradavam-lhe.

O millionario não tinha senão uma unica paixão, a gula. A gula, porém, nunca arruinou nem empobreceu um homem que come sozinho, que não acceta nem offerece cousa alguma. Se o café Bignon exhibia um unico pecego, corado como uma deusa de Rubens, esse pecego, embora custasse 3 francos, era para Uleric.

Entretanto, não existe nenhum vicio, por muito modesto que seja, que em um determinado momento não imponha a sua loucura furiosa.

Em 1887, a primavera que inunda o céu de uma luz cariciosa, que desdobra sobre as arvores de fructo a neve das flores e accende nos labios das mulheres os sorrisos invenciveis, actuou em Uleric, inspirando-lhe um desejo feroz, selvagem, desordenado de comer cerejas.

Mas não havia uma unica cereja madura, nem mesmo no sul, entre as estufas que produzem tudo que se deseja, desde que se fecunde a terra a notas de banco.

Uleric amanhecia nos mercados, percorria os armazens de viveres, passava a vida nos bastidores d'esses deslumbrantes palcos, onde imperam as peras, os figos e as uvas.

E nem uma cereja, nem uma, em troca da qual elle daria de bom grado a sua alma, se attribuisse a esse vocabulo uma significação qualquer.

II

A despeito de não ter a menor razão para mudar de residencia, Uleric foi ver casas, no intuito de distrair-se e tentar esquecer as cerejas.

Mas as cerejas perseguiram-o com os seus olbitos luminosos, estendiam-lhe os seus labios humidos...

O acaso conduziu Uleric a uma casa do boulevard da Magdalena, onde o porteiro o introduziu em um andar habitado pela célebre Thereza Kim.

Essa morena de 19 annos, sadia, aveludada como um fructo, rosada na sua pelle assetinada e fina, sabe mais cousas do que Humboldt e tem visto mais do que Chevreul.

Os moveis que lhe guarneciam a casa eram maravilhosos, sob o ponto de vista da execução, mas em limitado numero e relativamente simples; total ausencia de bibelots e objectos d'arte, porque Thereza Kim é tambem uma avarenta, preferindo acima de todos os esplendores o dinheiro, para o dispender directamente e pessoalmente, como a verdadeira synthese de todas as voluptuosidades.

O porteiro, depois de ter mostrado a Uleric diversos aposentos, introduziu-o, precedido de uma creada, em uma salinha, atapetada com uma espessa alcatifa branca, tendo por unica mobilia um largo divan circular, coberto com um estoffo de seda de um azul idealmente pallido, recamado de bordados em prata, representando grandes folhas esguias de plantas aquaticas. Ahí es-

tava assentada Thereza Kim, fumando uma cigarrilha feita, de certo, com tabaco colhido na ilha d'Avalon ou nas Floridas, porque o fumo exhalava um perfume tão fino, tão subtil, tão delicadamente suave, que evocava a visão das fadas, de cabellos soltos, ebrias de luz, dançando sobre o seio rubro das rosas.

A um gesto de Thereza Kim, as creadas e o porteiro retiraram-se.

—Senhor Uleric, disse a formosa horisontal, queira assentar-se.

—Conhece me? volveu o recém-chegado.

—Sim, acudiu Thereza, e esperava-o. Diz-se que o senhor não dá nada ás mulheres, e eu, pela minha parte, tenho a fama, não menos justificada, de expoliar os homens de tudo que possuem. Pela influencia da antithese, devíamos forçosamente encontrar-nos. Eis o motivo, em virtude do qual eu o esperava, com o unico fim de locupletar-me á sua custa, empobrecendo-o e obrigando o a dedicar a sua vida á litteratura.

## III

—Oh! exclamou Uleric, desdenhosamente, ainda não nasceu a mulher que ha de arruinar-me.

—Perdoe-me, replicou Thereza. Essa mulher já nasceu e por signal que desfructa a melhor saude.

—Graças a Deus, tornou Uleric, eu sou blindado como um navio de guerra e eis ahí porque...

Não acabou a phrase, hypnotizado, terrificado, exaltado por um espectáculo vertiginoso. Ao lado de Thereza, e ao alcance da sua mão, estava collocado sobre um tamborete oriental com encrustrações de nacar, um bonito cestinho, dentro do qual havia cerejas, um montão, uma orgia de cerejas, como se colhem no tempo opportuno, quando não custam nada. Uleric teve uma vertigem, todas as ideas violentas e criminosas atropellaram-se simultaneamente, no seu cerebro; mas na sua qualidade de homem pratico, respeitou a lei e os gendarmes.

Assim, a despeito de sentir o desejo mordel-o, deveral-o e dilacerar-o, resolveu proceder pelos meios suavorios.

—Ah! disse indolentemente, tem cerejas?

—Como vê, volveu Thereza, e o sr.?

—Se quizesse ter a bondade de repartil-as commigo? insinuou Uleric com expressão supplicante.

—Por caso algum, objectou Thereza.

—Mas, insistiu o lambareiro, que sentia o sangue subir-lhe á garganta e estrangulal-o, talvez queira vender-m'as?

—Perfeitamente, asseverou a encantadora rapariga. O negocio é o meu forte. Custam vinte mil francos.

Ao mesmo tempo, pegou no cesto e poz-se a trincar as cerejas, que engulia uma a uma, com maravilhosa rapidez.

—Ora vamos, disse Uleric, aterrado, vendo os fructos desaparecerem, como passageiros em um naufragio, comprehendendo que a exigencia de vinte mil francos não passa de um gracinha. Mas dou-lhe pelo resto das cerejas uma nota de mil francos, que tenho aqui na minha carteira.

—Vinte mil francos, repetiu Thereza Kim.

E continuava a trincar as cerejas.

O avaro, desesperado, vi-as diminuir, como soldados varados pela artilheria.

—Não! acudiu, suspenda! Fallemos serio. Dou-lhe dois mil francos! Dou tres mil! Dou seis mil!

O resultado, porém, era igual ao que produziria um arioso italiano, cantado aos devotos de Wagner.

Não restavam já senão meia duzia de cerejas, perdidas no cesto, como raros nadadores no vasto servidouro. Uleric estava pallido como um morto.

## IV

—E agora, perguntou elle com voz tremula, quanto quer pelo resto?

—Vinte mil francos, volveu Thereza Kim.

—Com mil demonios! gritou o Tantaló, ao fugir-lhe a sua presa, dou quinze mil!

Mas sem responder a essa absurda hypothese, Thereza comeu as ultimas cerejas. Só restava uma. Uleric designou-a com um gesto de fantasma.

—E essa?

—Sempre o mesmo preço, disse a rapariga, com o seu claro e benevolo sorriso. E logo que o sr. a tenha pago por vinte mil francos, ella custar-lhe ha em seguida muito mais. Em todo o caso, vou comer metade!

O imprudente comprehendeu afinal que não havia tergiversação possivel, o essencial era não perder um segundo. Troux a carteira, e sobre o tapete branco como a neve, alinhou vinte notas de mil francos.

Mas Thereza já tinha trincado a metade da ultima cereja.

—Tenho apenas metade, disse ella, e vendo-lh'a por vinte mil francos, mas venha buscar-a!

Uleric não precisou que lh'o repetissem.

Thereza entalrara na bôca a metade da cereja, tão vermelha

como os seus labios. O guloso correu, enguliu, devorou, bebeu tudo, a cereja, o halito, os labios, a volupia, o jubilo, o anniquilamento do seu passado e da sua alma.

Como todas as mulheres, sem excepção, Thereza Kim é cheia de logica e, por consequencia, de probidade. Cumpriu a sua palavra. Arruinou Uleric e reduziu-o ao triste expediente de solicitar um modesto emprego em um escriptorio de Omnibus. Na sua miseria, consola-o o aroma das recordações. Entretanto, a sua antiga gula atormenta-o um pouco, quando alvorece o mez de maio. Hontem ainda, Uleric passou á porta de um estabelecimento, onde havia cerejas; irresistivelmente, apreçou-as; pediram-lhe um preço exorbitante.

Uleric limitou-se a sorrir, e afastando-se, murmurou:

—Não admira, e é bem natural. O anno passado as cerejas estiveram muito mais caras!

GUIMAR TORREZÃO.

## O JUIZ

Tinha um grande ar tragico, e no fundo, era bom homem. Tremiam d'elle na audiencia os escrivães, os fiéis de feitos, as partes, as testemunhas, os réos, os membros dos conselhos de familia, os tutores, os cabeças de casal.

—Um homem ás direitas! diziam aquelles que não lhe tinham ainda caído sob a terrivel a'çada.

Os réos tremiam no fundo das cadeias e deixavam-se morrer de medo, antes de irem para a audiencia.

Só o seu olhar torvo e bruscos movimentos, junto ao chinó que lhe coroava a testa lisa, baça e ampla, punham frio no coração.

Não havia mesmo que contar com o jury, essa instituição destinada a salvaguardar os cidadãos da sanha truculenta de um barbaresco juiz de direito, irritado pelos calculos renaes e pelo engorgitamento do figado, não contando com a instabilidade da luneta no cavallete nazal e com os borrões attentatorios da dignidade das sentenças, que a irritabilidade nervosa de s. ex.<sup>a</sup> occasionava.

—Os sr.s. são uns asnos! dizia simplesmente e seccamente o digno magistrado na sua voz medonhamente rouca, aos pacíficos jurados, humildes taberneiros e camponios, irrisorios juizes de facto, verdadeiros martyres de canna verde, assentados no pretorio, com as mãos cruzadas sobre o ventre, e a doce resignação dos inconscientes, nos labios escancarados por uma pyramidal estupidez.

E quer elles respondessem aos quesitos,—que o crime estava provado por unanimidade; ou, assombrados ante a sua tremenda responsabilidade de consciencia, dissessem não estar provado o crime, não escapavam de ser fusilados com adjectivos mortiferos como balas, disparados á queima-roupa pelo irascivel magistrado.

Nunca se vira a magestade do jury tão pelas ruas da smargura. Toda a comarca, na parte que dizia respeito ás familias dos individuos que tinham o direito de se sentar no banco dos jurados, estava conscienciosamente indignada.

Era evidente que se caminhava a passos largos para o absolutismo, para o exclusivismo de castas. E fóra para semelhante fim, que se fizera a revolução de 20, a de 30 e ainda outra.

Ninguém se atrevia, porém, a reagir contra o juiz, todos, mais ou menos, lhe estavam nas mãos, como sempre succede n'uma comarca de provincia, de alguns milhares de habitantes, e n'uma ilha onde não havia uma escola!

Um magistrado judicial, n'aquellas terras, é uma entidade temerosa, perante a qual se curvam todos, grandes e pequenos, n'uma flexão profunda, convicta, irremediavel. E' a cobardia collectiva da ignorancia e da tradição.

O medonho juiz gosava tal fama, que o pobre e desgraçado Francisco, um bom camponio, que jazia na cadeia, havia um anno, para responder pelo crime de homicidio involuntario, tinha já a sentença dada, dizia-se.

E devia ser verdade a sua condemnação; porque, qual seria o jury bastante temerario para se atrever a dar como não provado um crime no qual o juiz mostrava acreditar seriamente?

Aonde ir buscar esses jurados audazes bastante, para afrontar, sem cairem fulminados, o olhar, a cabelleira a luneta e a colera de s. ex.<sup>a</sup>?

Chegou o grande dia. O homem estava condemnado d'ante-mão; não havia que ver. De toda a parte da comarca correu gente para assistir á audiencia. Na sala cheia, mal se respirava. O juiz, medonho, livido e terrivel, parecia um inquisidor, dentro da sua beca negra e sob o docel de velludo preto com galões de prata, que todos os cangalheiros de Lisboa, invejariam.

Sob o docel, via-se tambem pregado na parede, em fundo preto e dominando a cabeça do juiz, um crucifixo.

A' direita do presidente, n'um estrado mais baixo e sentado a uma banca mais pequena, forrada da classica baeta vermelha, estava o representante do ministerio publico; á esquerda, n'uma banca paralela em todos os seus accessorios e posição, o defensor do réo.

Como é costume nas ilhas, a mulher do réo, uma formosa rapariga, casada havia apenas dois annos, estava sentada n'um banco perto do marido, com o seu unico filho de um anno no regaço e ladeada pelas suas relações de amizade.

Descrever os incidentes ordinarios da audiencia, seria fastidioso e extenso, difficil até, para dar a nota exacta da voz fanhosa do escrivão, lendo pachorrontamente as volumosas peças do processo; o depoimento das testemunhas de defesa que, segundo o costume nada viram, que affirmam ter o réo almoçado, jantado, ceado e dormido em casa de cada uma d'ellas; e os depoimentos das testemunhas de accusação, que viram tudo, o réo enterar a faca na victima, fugir, voltar ao logar do crime com o olhar desvairado, o cabello em desalinho e as mãos tintas de sangue. Os discursos da accusação e da defesa, replicas e treplicas. O ministerio publico, requerendo a pena maxima, em nome da sociedade offendida e indefesa. O defensor, intimando com igual fogo, o jury, a dar a liberdade ao réo, em nome da familia, da esposa joven e formosa, exposta aos perigos do desamparo, em nome do tenro filhinho de um anno que ainda nem pôde articular a palavra para amaldiçoar uma sociedade que lhe arranca o pae e o arremessa á miseria, á fome, á vadiagem, talvez ao crime.

E n'este ponto, o defensor, conhecendo por experiencia a pusilanimidade dos jurados, a quem a luneta do juiz, affixada sobre elles, continha n'uma severa e correcta linha de juizes ina-

bordaveis, chamou á sua meza a mulher do réo, a joven lacrimosa e bella, e tomou-lhe dos braços a tenra creancinha, que se sorriu para elle, estendendo-lhe os bracinhos e gritando as duas unicac syllabas que sabia articular.

—Pa-pá! pa-pá!

O que fez rir todo o auditorio, menos o juiz, que viu o jogo do advogado e se tornou ainda mais livido.

Então o defensor, tomando a creança nos braços, apresentou a graciosamente no ar, aos jurados boquiabertos, e fallou-lhes com o maior calor demonstrativo de que podia dispor.

O juiz não podia parar um instante na sua cadeira de espaldar, uma magestosa cadeira de convento, e voltando se para o advogado, ia a interrompê-lo, quando este, pouco affeito a lidar com creanças, n'um fogoso gesto oratorio deixou escapar o pequenito pelo ar, na direcção do juiz.

Ouviu-se um grito geral. Toda a gente tremou, a pobre mãe caiu desmaiada, o advogado ficou de bocca aberta, paralyzada nos labios uma apostrophe fulminante; e no meio de tudo isto, sentiu-se a voz pequenina do innocente, gritar satisfeitissimo—*pa-pá! pa-pá!* nos braços do juiz, em le caíra, e estender-lhe os bracinhos curtos, sorrindo-se para elle, como que a pedir-lhe misericordia.

Então, viu-se uma coisa extraordinaria, unica, que nunca tinha succedido, durante os cinco annos decorridos de exercicio do sombrio juiz: viu-se-lhe limpar furtivamente duas lagrimas, os musculos d'aço da sua mascara contrahirem-se docemente, e poisar s. ex.<sup>a</sup> um beijo nas bochechas rosadas do filho do réo.

O pae estava salvo.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



GENEVA